

## Falácias

São diversos os tipos de falácias não formais: muitas decorrem da irrelevância das premissas, que não estabelecem a conclusão; outras são generalizações apressadas, que partem de falsas causas ou se baseiam em preconceitos; e assim por diante. Geralmente exercem a função psicológica de convencer, ao mobilizar emoções como entusiasmo, medo, hostilidade ou reverência. Vejamos algumas delas: O **argumento de autoridade** não é totalmente impertinente, desde que a autoridade seja um especialista naquele assunto, mas é irrelevante se, por exemplo, recorrermos à autoridade de um cientista para justificar posições religiosas ou de um jogador de futebol para avaliar política. Trata-se de recurso muito comum na propaganda, quando artistas famosos "vendem" desde sabonetes até ideias, como as propostas políticas de um candidato. O **argumento contra o homem** é um tipo de argumento de autoridade "às avessas", no sentido de ser pejorativo e ofensivo. Ocorre quando não aceitamos uma conclusão por estar baseada no testemunho de alguém que depreciamos. A **falácia de acidente ou de generalização apressada** é um tipo de falácia indutiva: diante de um erro médico, concluímos apressadamente que a medicina é inútil. Ocorre também quando uma regra geral é aplicada em circunstâncias particulares e "acidentais" em que seria inaplicável. A **falácia da conclusão irrelevante** consiste em se afastar da questão, desviando a discussão. Um advogado habilidoso, que não tem como negar o crime do réu, enfatiza que ele é bom filho, bom marido, trabalhador etc.; o deputado que defende o governo acusado de corrupção não se detém nos fatos devidamente comprovados, mas discute questões formais do relatório da comissão de inquérito ou enfatiza o pretense revanchismo dos deputados opositores. As **falácias de petição de princípio, ou círculo vicioso**, supõem conhecido o que é objeto da questão. "Tal ação é injusta porque é condenável; e é condenável porque é injusta. Nas **falácias de ambiguidade** (também chamadas semânticas ou de equívoco), os conceitos ou enunciados não são suficientemente esclarecidos ou os termos são empregados com sentidos diferentes nas diversas etapas da argumentação. No exemplo seguinte o termo fim é usado em dois sentidos diferentes como se fosse o mesmo: "O fim de uma coisa é a sua perfeição; a morte é o fim da vida; logo a morte é a perfeição da vida". As **falácias de falsa causa** (ou post hoc) são muito comuns e representam as inúmeras inferências que fazemos no cotidiano ao tomarmos como causa o que não é a causa real. Por exemplo: "Não levo minha namorada em jogo do meu time porque da última vez que a levei, meu time perdeu: ela é pé frio!.

A lógica aristotélica persiste por mais de dois mil anos e até cerca de 150 anos atrás representava a organização definitiva do pensamento como se não houvesse outra lógica possível. No entanto, a prevalência atual da lógica simbólica não significa que a lógica aristotélica tenha sido abandonada. Ao contrário, continua como instrumento eficaz para a análise da validade dos argumentos e serve de base para as novas lógicas que a complementam e as outras que a ela se opõem.